



Roteirista de longas como “Pequeno Dicionário Amoroso”, “Amores Possíveis”, “Guerra de Canudos”, “Mauá - O Imperador e o Rei”, “Dois Perdidos Numa Noite Suja” e “Meu Nome Não é Johnny”, entre outros



Como diretor assinou longas como “Hijab - Mulheres de Véu”, “Histórias de Amor Duram Apenas 90 Minutos”, “A Cor do Seu Destino” e “De Pai Pra Filho”, seu último trabalho



Em ‘De Pai Pra Filho’ uma história de amor improvável brota entre a mãe viúva que doma a dor da perda (Miá Mello) e um jovem comerciante de SP (Juan Paiva) que vem ao Rio cuidar do espólio do pai

“Fiz um filme numa época difícil, dura, muito dura, ainda na pandemia, sob um (des)governo autoritário que tanto mal causou ao país. Quis fazer um filme que de alguma forma abraçasse e reconfortasse os espectadores”



Com ares de Bill Murray, Marco Ricca é o músico que volta do Além para mostrar ao filho que ainda é dia de rock

com doses de humor com uma pegada popular. Tem risos, lágrimas, música, poesia, afeto... Consegui apoio da RioFilme. Ganhei uma graninha pra distribuição pela Lei Paulo Gustavo, através do Edital da Secretaria de Cultura do Estado. Aí o Marcello Maia, da ArtHouse, e a Adriana Rattes, do Filmes do Estação, meus distribuidores, queridos parceiros, conseguiram armar um lançamento com 76 salas em todo o Brasil. Passamos até em Araraquara (terra do personagem de Juan). Ficamos oito semanas em exibição... e apesar de tudo isso... fuén, fuén, fuén... um fiasco. Ninguém viu. Ou quase ninguém. O que fiz de erra-

do? O filme não é ruim, pelo contrário, é um filme gostoso, carinhoso, talvez um pouco longo. Não me consolou o fato de 90% dos filmes brasileiros lançados antes ou depois do meu tiveram o mesmo resultado frustrante.

O que se passou com esse universo de filmes?

Imagino que todos, à sua maneira, tentaram fazer o melhor possível para alcançarem o público, algum público... O que deu errado? Essa pergunta me perturbou durante muito tempo. Aí lembrei de um filme, uma comédia que eu escrevi com e pro meu mestre pícaro Hugo Carvana, chamado “Não Se Preocu-

pe, Nada Vai Dar Certo”. Essa sentença cínica, niilista, quase fatalista, parece responder aquela minha dúvida sobre a possibilidade dos nossos filmes conseguirem cumprir sua função primordial: serem vistos. Parece mesmo que existe um intrincado mecanismo criado para não dar certo. Mecanismo pode soar meio paranoico, teoria da conspiração, mas a verdade é que existe um problema estrutural que se eterniza, composto por diversos fatores como a massacrante e desleal ocupação das cinemas pelos filmes hollywoodianos; a histórica resistência ou relutância do exibidor em relação ao filme nacional; o pequeno

número de salas de cinemas existente no país (e sua distribuição geográfica sabidamente restritiva e elitista); o proibitivo custo do ingresso, que é caríssimo; a concentração dos recursos públicos (sim, existem recursos públicos, e vultosos, destinados à comercialização e à distribuição dos filmes nacionais, não é por falta de investimento público que os filmes brasileiros não chegam ao público) nas mãos de poucas distribuidoras; a mudança da forma de se ver filmes, a partir do advento das plataformas de streamings, potencializada com a pandemia do Covid, enfim... A soma desses fatores torna a exibição comercial dos filmes brasileiros não apenas frágil, mas condenada a não dar certo. Mas ao contrário do conselho debochado do Carvana, não tem como não ficar preocupado com essa situação. Parece que a gente está condenado, como Sísifo, a ficar empurrando uma pedra montanha acima apenas para vê-la rolando morro abaixo em seguida.

Algo muda com as vitórias nacionais recentes que tivemos, com “Ainda Estou Aqui” e “O Agente Secreto”?

As conquistas merecidas do cinema brasileiro, com essa enxurrada de prêmios importantes (Oscar, Globo de Ouro); as performances em Cannes, Berlin, Veneza; o reconhecimento internacional da excelência da nossa cinematografia; o sucesso comercial de alguns, poucos, filmes que acaba levantando o percentual de ocupação de salas pelo filme brasileiro... tudo isso cria uma sensação de que a produção audiovisual nacional vive um momento de estabilidade, o que não é exatamente real. E, pior, que corre o risco de rolar morro abaixo na geração seguinte. Nosso audiovisual, lamentavelmente, vive de ciclos... ou de círculos labirínticos nos quais vivemos historicamente nos perdendo. Nosso Globo de Ouro Wagner Moura falou sobre isso, recentemente, nas redes sociais. Não dá pra nos iludirmos que as coisas estão consolidadas, que o jogo está ganho. Não está. É urgente uma política pública que torne o audiovisual uma atividade estratégica, não apenas culturalmente, mas sobretudo econômica. Algo como fez a Coreia do Sul que, em pouco mais de duas décadas, tornou-se uma potência e uma referência audiovisual, criando tramas, imagens, sonhos que são vistos pelo mundo inteiro... E olha que o coreano é uma língua tão “exótica” e restrita quanto o português. Ou seja, se não quisermos ter que empurrar essa pedra novamente montanha acima, temos que aproveitar este momento. É preciso coragem e determinação das nossas lideranças. Nesse sentido, a primeira coisa a ser feita é vetar o constrangedor,

lamentável e entreguista projeto de lei que regula os streamings que foi aprovado no Congresso. É totalmente danoso à nossa soberania cultural, econômica e industrial. Tem que vetar, meu presidente Lula. Nunca te pedi nada.

De que maneira o teu filme reflete os debates sobre formações familiares do nosso tempo?

Gosto muito de falar sobre relacionamentos humanos, amorosos, familiares. E eu queria fazer um filme sobre e para a família. Mas não sobre uma família convencional, careta, padronizada, mas uma família que poderia até ser considerada um pouco “torta”. Sempre gostei mais delas, até porque, eu me considero meio “torto” também. Parafraseando Tolstói: “Todas as famílias ditas normais se parecem, cada família considerada torta é torta à sua maneira”. Acho que estamos testemunhando o surgimento de novas formas de relacionamento amoroso, afetivo, sexual, e de configurações familiares que traduzam essa plenitude de afetos e amores. Em “De Pai Para Filho”, temos duas famílias fraturadas pelo luto que acabam tendo a chance de se reconstruir. E não é só uma nova família, mas uma família nova, em consonância com os novos tempos e novos afetos. Ele, um jovem negro; ela, uma mulher de quarenta anos, viúva, mãe solo de uma pré-adolescente. O outro casal que vemos no filme é um casal gay super apaixonado (interpretado pelo Pablo Sanábio e pelo Fabrício Santiago, que inclusive reescreveram parte dos diálogos da cena para dar mais “embocadura” homoafetiva ao casal). Então acho que o filme reflete essas novas manifestações afetivas.

Você filmou o longa ainda no fim da Era Bolsonaro e lançou-o no Festival de Petrópolis, num sábado à tarde, com sala cheia. Depois passou pelo Festival de Paraty, arrebatando prêmios. Que tempo foi esse em que “De Pai Para Filho Nasceu”?

Fiz um filme numa época difícil, dura, muito dura, ainda na pandemia, sob um (des)governo autoritário, de viés fascista, machista, misógino, fanático religioso, que tanto mal causou ao país, sendo responsável inclusive pelas 700 mil mortes por conta de negligência e negacionismo. Eram tempos áspers, e eu quis fazer um filme que de alguma forma abraçasse e reconfortasse os espectadores. Um filme sobre o luto. Um filme de amor, de perdão, de esperança. Pena que poucas pessoas conseguiram ver. Mas quem viu gostou e se sentiu abraçado e reconfortado. Isso que importa.